

Associação Nacional de História – ANPUH
XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

A figura feminina, sua indumentária na *Belle Époque* parisiense e seus reflexos nas terras brasileiras e na capital do café (1890/1930).*

Letícia Ricci Aparício**

Resumo: Este artigo trabalha o papel da mulher na Belle Époque e como isso refletia em sua vestimenta. Primeiramente, será destacada a figura feminina da Belle Époque parisiense (comportamento, indumentária) e o intercâmbio desse “modelo de mulher” ao Brasil, sua aceitação durante a Primeira República no Rio de Janeiro e em Ribeirão Preto (cidade considerada a capital do café no interior de São Paulo)

Palavras-chave: Mulher – Moda – Vestuário - Primeira República – Rio de Janeiro – Ribeirão Preto.

Abstract: This article studies the woman's function in Belle Époque and how this reflected in her clothing. First, it will be detailed the womanly figure in Paris Belle Époque (behaviour, clothes) and the interchange of this “woman model” to Brazil, and his acceptance during the First Republic in Rio de Janeiro and in Ribeirão Preto (a city regarded the “capital of coffee” in the interior of São Paulo).

Keywords: Woman – Fashion – Clothing – First Republic – Rio de Janeiro – Ribeirão Preto.

O século XIX nos passa uma imagem de um século sombrio e triste, austero e opressivo para as mulheres. É certo que esse foi um momento que repensou a vida das mulheres como o desenrolar de uma história pessoal submetida a uma codificação coletiva precisa e socialmente elaborada, assinalando o nascimento do feminismo e designando significativas mudanças estruturais (trabalho assalariado, autonomia do indivíduo civil, direito à instrução), como o aparecimento coletivo das mulheres na cena política.

Contudo, o século XIX é o momento histórico em que a vida das mulheres se altera: tempo da modernidade em que se torna possível uma posição de sujeito, indivíduo de corpo inteiro e atriz política, futura cidadã. Portanto, se a modernidade é um impulso para a independência feminina, é porque as consequências das mudanças econômicas, políticas, sociais e culturais lhes são favoráveis.

*Este texto está baseado em parte do Trabalho de Conclusão de Curso em História, a ser apresentado ao programa de Graduação no curso de História Licenciatura Plena do Centro Universitário “Barão de Mauá”, Ribeirão Preto – São Paulo, Brasil sob orientação da Profª. Ms. Humberto Perinelli Neto

** Licenciando em História pela mesma instituição.

Em primeiro lugar, o aparecimento de uma história da humanidade supõe que a mulher tem também uma história, que a sua condição de companheira do homem e de reprodutora da espécie é menos imutável do que parece, que a sua essência aparentemente eterna de mulher pode ser submetida a múltiplas variações e destinada a uma vida nova

A mulher ideal continuou a envelhecer durante a metade da década de 1800, atingindo a idade adulta por volta de 1850. “Não era mais necessário ser terna e decorativa pois ela era realmente admirável, um exemplo das virtudes da dona-de-casa e habilidosa na administração do lar. Mas, era necessário que essa mulher fosse talentosa, prática, caridosa, religiosa e, acima de tudo, extremamente maternal, capaz de instruir e orientar os vários filhos sobreviventes” (LURIE, 1997:82). Essa mudança se deu principalmente em função do deslocamento da população do campo para as cidades e com isso, cada vez menos homens trabalhavam em casa ou nas vizinhanças.

Desde a Revolução, a negação de certos privilégios impõe ao vestuário masculino certa sobriedade e é no corpo das mulheres, esposas ou amantes - através de seu porte diferenciado e do traje requintado – que se ostentam o sucesso ou a pretensão dos ambiciosos. Pode-se dizer, portanto, que a beleza feminina encontra seu prestígio a partir da crise revolucionária. Em uma sociedade patriarcal, uma mulher impotente, tola e bela era o referencial para os homens ricos que optam por sustentá-la como demonstração de seu poder econômico e social. Quanto ao status, tal mulher não deve ter nenhuma utilidade prática, tem de ser incapaz de datilografar, limpar, cuidar de crianças, administrar uma propriedade ou acompanhar seus investimentos – todas essas coisas devem ser feitas por empregados pagos. Teoricamente, as roupas que essa mulher veste a identificarão como uma peça de luxo.

Tudo o que traduz a sensibilidade e a delicadeza é valorizado: uma pele fina onde afloram as ramificações nervosas, carne aveludada para embalar a criança ou o doente, um esqueleto pouco desenvolvido, mãos e pés pequenos. Mas também tudo o que traduz as funções naturais da reprodutora: ancas redondas, seios generosos, tecidos bem nutridos. Tudo o que a pode assemelhar-se ao homem torna-se uma anomalia inquietante.

As mulheres são inseridas no mercado de trabalho através das mudanças propostas pelo capitalismo moderno. Com isso, a família proletária é dissolvida e essa retirada da figura feminina da propriedade privada familiar, as mulheres iniciam, sem o saber, seu processo de libertação. O trabalho assalariado constitui o primeiro passo para essa emancipação.

Os vestidos, ainda apertados e tubulares sob o Primeiro Império, alargariam-se sucessivamente até a época das crinolinas (entre 1854 e 1868): uma saia poderia atingir três

metros de diâmetro e necessitar de trinta metros de tecido. Ídolo imponente, a senhora mantinha à distância todo o seu séquito; tem alguma dificuldade em se deslocar, em se sentar; mobiliza uma criada de quarto para satisfazer as necessidades. “À esses monumentos de vestuário sucedem-se anquinhas postizas, caudas, armações diversas que sublinham as formas com graça e elegância. A altura da cinta, a forma das mangas e das golas conhecem variações segundo a estação do ano” (FRAISSE, PERROT; 1191:353).

Os reflexos da *Belle Époque* parisiense no Brasil foram bastante significativos em decorrência do momento pelo qual o país estava passando. Nos primeiros anos da República, a sociedade patriarcal começa a ser substituída por uma sociedade urbana, ligada aos progressos da era industrial. Em 1900, Santos Dumont voava em Paris, o primeiro carro de motor à explosão chegava ao Brasil e, mais tarde, a *Light* começou a mudar a vida citadina, ao implantar a energia elétrica. O cinema, que já era exibido em pequenas salas desde fins do século XIX, passa a ser a fonte de diversão da elite urbana.

O século XIX foi também o século da explosão da moda. Nele, ela atinge um maior número de pessoas, da pequena e média burguesia da França e da Inglaterra à “boa sociedade” de lugares distantes como o Rio de Janeiro, onde, à partir de então, se tem acesso quase simultâneo às novidades estrangeiras. No Rio de Janeiro, as transformações no espaço urbano, a “europeização” dos costumes, o incremento do comércio e a intensificação da vida social são elementos que servem de pano de fundo para a difusão da moda.

As mulheres brasileiras, ao abandonarem os trajes coloniais que em casa as confundiam com as escravas, começam a identificar-se na aparência com as européias. Um elemento fundamental para a difusão da moda entre os membros da “boa sociedade” foi o surgimento dos jornais femininos e dos manuais de etiqueta e civilidade – livros que ensinavam comportamentos, higiene para o corpo e da casa, bem como orientavam as escolhas das vestimentas mais adequadas à ocasião, à hora do dia, ao sexo e à idade. Era necessário, para a “nova” sociedade, civilizar seus costumes.

Indo ao encontro das necessidades desta camada, estes jornais – que começaram a circular no Rio de Janeiro em 1827 – já traziam em suas páginas seções especializadas em moda, nas quais eram publicados e minuciosamente descritos modelos de vestimentas que seguiam as tendências da moda francesa, cujos exemplares já eram vendidos nas lojas comerciais da cidade. Um outro dado importante é o caráter didático dessas colunas, que discutiam a adoção e o consumo da moda e divulgavam lojas e produtos, o que satisfazia os desejos da “boa sociedade” de incorporar os padrões europeus de vestimenta.

As mulheres de classe média dedicavam-se a atividades familiares, reuniões sociais e/ ou beneficentes e recepções. Mas nos primeiros anos do século, a Rua do Ouvidor, no Rio de Janeiro, que era a passarela da moda e da elegância, já apresentava criações francesas da *Belle Époque*, nem sempre adequadas ao nosso clima. Elas se vestiam formalmente, como as francesas, e só se usava o francês para designar peças do vestuário.

O contato com a aristocracia portuguesa e a burguesia industrial européia obrigou, portanto, essa camada a adotar costumes e valores europeus como forma de igualar-se àqueles estratos e também para a obtenção de títulos nobiliárquicos. As tendências das estações vinham da França por meio das gravuras de moda que eram - a princípio - importadas e vendidas nas lojas comerciais e que, com o advento da imprensa feminina, eram reproduzidas aqui nas revistas e nos jornais especializados.

Os membros da “boa sociedade” eram os homens e as mulheres que civilizaram seus costumes e fizeram da moda um elemento que acentuava as diferenças entre eles próprios e entre eles e os outros estratos da população. Ao europeizar seus corpos, passaram a preocupar-se com a correção do vestuário, com o vestir racional e com a adoção de roupas adequadas à posição que ocupavam na sociedade.

A introdução das ferrovias na década de 1850, as benfeitorias no porto da cidade, a reestruturação dos sistemas de água e esgotos, a inauguração da iluminação a gás, a formação das companhias de carris – com a introdução dos bondes – e a urbanização da zona norte, além da irradiação de linhas no centro da cidade, são apenas alguns dos sinais desse processo de modernização do Rio de Janeiro. Portanto, a difusão da moda esteve intimamente associada ao desenvolvimento urbano.

No Rio de Janeiro, a vida social estimulava seu consumo, visto que era marcada principalmente, pelos acontecimentos sociais e artísticos que proliferavam na Corte e pelos cafés, teatros e bailes, que começavam a atrair seus membros para a rua.

Em consequência disso, podemos afirmar que no século XIX a moda era por essência um fenômeno das grandes cidades, pois elas proporcionavam a movimentação das pessoas em inúmeros círculos sociais. Nesses locais, o contato com outras pessoas que lhe eram estranhas obrigava os indivíduos a se preocuparem com a apresentação pessoal, criando uma necessidade e um interesse pela moda.

Ribeirão Preto: a capital do café torna-se a *Petit Paris*

Aproximadamente durante 50 anos (1890-1940), Ribeirão Preto viveu a glória da época do café. A pequena vila dos tempos imperiais atravessou uma série de transformações

urbanas - que alterou significativamente a vida de seus habitantes - e tornou-se o centro de projetos de modernização, que reformularam sua paisagem.

Local de passagem para as tropas que comercializavam o sal e o ouro das Minas Gerais para o litoral e de um pequeno comércio de gênero alimentícios, revelou suas potencialidades por Martinho Prado, importante coronel do município que, por volta de 1877, redefiniu o mito da terra prometida, apontando a região – possuidora da terra roxa para a plantação de café – como a Canaã dos novos tempos. Contudo, foi nas décadas republicanas de 1890 e 1900 que as lideranças municipais passaram a importar-se com a imagem da cidade frente às demais urbes e vislumbrar a possibilidade de executar uma série de intervenções para transformar Ribeirão Preto em um centro urbano civilizador e exemplar. (PAZIANI, 2004:18)

Como vimos no início desse artigo, algumas cidades brasileiras estavam passando por um projeto civilizador, que envolvia a vestimenta tanto masculina quanto feminina, comportamentos, arquitetura, hábitos europeus – comer, beber, música, divertimentos em geral. “Acredita-se que as modas de mulher parisiense constituíram-se numa das maiores expressões de conquista psicocultural do Brasil pela França, na já denominada, fase de reeuropeização do Brasil” (FREYRE, 1997:40). Ao café foi atribuído esse constante progresso, sendo responsável por impulsionar a imagem do Estado de São Paulo por todo o país.

Interesse e futuro – foram os dois signos fundamentais que inspiraram o aparecimento e a expansão das nossas estradas de ferro.[...] Elas avançaram acompanhando o avanço do café, em procura de tulhas abarrotadas [...] (CIONE, 1996:153)

As estradas de ferro eram necessárias para atender os interesses pessoais dos ricos fazendeiros – no tocante transporte e escoamento da produção cafeeira – interligando os principais municípios paulistas ao Porto de Santos. E através do seu desenvolvimento, gerou um mercado consumidor - que provocou diversas transformações urbanas - e assim, a vinda de homens, mercadorias e novidades para esta região.

Por volta de 1890 Ribeirão Preto já se mostrava mudada, naquele momento não era muito mais que um povoado, mas tinha uma força política significativa. O dinheiro circulava rapidamente nas mãos dos grandes cafeicultores, o que era um “convite à aventura – política, social e boêmia”. É nessa mesma época que chegava às *terras rossas* um cidadão francês, vindo da Argentina, Cassoulet. Segundo Rubem Cione, foi nosso grande “civilizador” e era apenas um europeu deslumbrado com o nosso sertão. Os coronéis não tendo onde gastar seu dinheiro – até então –, passam a gastá-lo em jogo, mulher e cassino, bebida e cabaré.

Cassoulet construiu ou alugou os primeiros cassinos, dos quais o Cassino Antarctica marcou época em todo o Brasil. Ali bebia-se champagne francesa e usufruía-se de mulheres de todo o mundo, especialmente da França, Polônia e Argentina [...] Os melhores artistas do Brasil apresentavam-se no Cassino. E da Europa também. O mundo artístico das “variedades” tinha aqui o seu El Dorado que virou nome do

Cassino [...] No *Cassino Antarctica*, o coronel não só jogava, bebia e dançava, como tinha apartamentos reservados no fundo, para usufruir as delícias do amor com as mulheres que Cassoulet importava. (CIONE, 1996:157)

Ao começar a frequentar o *Cassino Antarctica*, os homens ribeirãopretanos tinham condições suficientes tanto para atender aos luxos franceses de suas esposas – que representava para ele certa importância – quanto para sustentar suas amantes e fazê-las também portar o mesmo luxo.

Esta modernização provocou a dissipação de um ativo comércio, pequenas profissões, indústrias, crescimento demográfico, o aumento no número de construções na zona sul – o “quadrilátero central” – e nos crescentes bairros, surgimento de jornais e revistas, chegada dos automóveis, o Teatro *Carlos Gomes* e os cinemas. O progresso atingia todos os setores da vida pública e se manifestava das formas mais diferentes possíveis. Nas revistas e jornais eram publicadas imagens deste “progresso” e desta civilização.

As “elites” de Ribeirão Preto, eram formadas por um grupo de homens poderosos e influentes no poder público, cujas relações entre si envolviam laços de riqueza e cordialidade. Também mantinham laços de afinidade pessoal e de grandes negócios com importantes capitalistas estrangeiros.

Percebemos até esse momento que a riqueza obtida com a cultura do café - aliada à influência dos contatos cada vez mais frequentes com o mundo urbano e industrial europeu – despertou a elite ribeirãopretana para a reinterpretação dos seus espaços urbanos. O modelo para a reinvenção “do cenário colonial” foi a Paris do século XIX – demolida e reconstruída pelo então prefeito de Sena, o barão Georges Eugène Haussmann.

Depois da República teatros foram construídos, artistas e amantes foram sustentadas. “Os ribeirãopretanos tiveram uma vida noturna farta. Importavam diretamente da Itália ou Paris, sem passar por São Paulo ou Rio de Janeiro, óperas caríssimas. Só para gastar o dinheiro fácil do café” (CIONE, 1996:158). Cientes de que representavam a ruptura com a paisagem dos tempos imperiais, os coronéis estavam determinados a construir para si um universo de imagens *civilizadas* de Ribeirão Preto.

As mulheres ribeirãopretanas que atestaram a passagem do século XIX para o XX, vivenciaram todas as modificações no campo político, econômico e até mesmo da adoção de hábitos “urbanos”. Em meados do século XIX, as mulheres da pequena vila adotaram os tons de cores preto, pardo, cinzentos em geral. Cores impactantes para uma cidade situada em ambiente tropical. Esta cidade passou a ser um espaço social receptivo às modas européias. A estreita ligação com o porto de Santos facilitava o intercâmbio das novidades européias.

Acontecia, a certa altura, de importarem-se da França, enxovais inteiros de casamentos e de batizados.

As roupas femininas já confeccionadas vindas de Paris, nem sempre eram ajustáveis às formas de corpo de mulher predominantes na população brasileira. O que parece explicar que a essa preponderância de modelos passasse a corresponder a voga de modistas ou costureiras francesas no Brasil. Isso significou, em grande parte, trazer-se Paris para o Brasil. O imperialismo francês não se limitava a perfumes, loções, *rouge*, adornos, mas incluía, além de vestidos de vários tipos – dos de baile ao de dias comuns – sapatos, meias, espartilhos, roupas de baixo - regras que se aplicavam igualmente às ribeirãopretanas.

A difusão dessas modas era proposta pelos jornais e revistas que circulavam na cidade. Tais como: *Jornal A Cidade*, *Jornal O diário de notícias*, *Revista Nosso Século*, *O cruzeiro*, *L'Illustration*, dentre outros.

As mulheres de Ribeirão Preto, tinham agora uma vida noturna! Iam a bailes, cinemas, teatros (Teatro *Carlos Gomes*, *Pedro II*), cafés, desfilavam seus vestidos na *Praça XV*. Os livros que liam e as peças as quais assistiam eram francesas, bem como a música que ouviam e a comida que comiam. O luxo adquiriu proporções tamanhas por aqui que as mulheres da sociedade que tinham maiores condições financeiras, era em Paris que se vestiam, se calçavam, se penteavam, se perfumavam e montavam enxovais.

Conclui-se, portanto, que quanto mais o cotidiano se aproximasse dos ideais franceses de viver, mais significativo era. As mudanças pelas quais a vestimenta feminina irá passar no século XX, também sofrerá influências da moda européia vigente, visto que a circulação das informações em decorrência do progresso tecnológico, irá acontecer cada vez mais rápido.

Referencias bibliográficas:

- BAUDELAIRE, C. **Sobre a modernidade**: o pintor da vida moderna. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- CARDOSO, C. F; VAINFAS, R. (orgs). **Domínios da História – ensaios de Teoria e Metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- CIONE, Rubem. *História de Ribeirão Preto*. Volume IV. Ribeirão Preto: Legis Summa, 1996.
- DEL PRIORE, M. **Corpo a Corpo com a mulher**: pequena história das transformações do corpo feminino no Brasil. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2000.
- FREYRE, G. **Modos de homem e modas de mulher**. 3 ed. Rio de Janeiro: Record, 1997..
- HOBBSBAWN, E & RANGER, T (orgs.). **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997,

- LANNA, A. L. D. **Uma cidade na transição**: Santos, 1870-1913. São Paulo: Hucitec/Prefeitura Municipal de Santos/Secretaria da Cultura, 1996.
- LEITE, M. M. **Retratos de família**: Leitura da Fotografia Histórica. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1993.
- MAUSS, M. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária/EDUSP, 1974. V. I, p. 225/31.
- MOUTINHO, M. R.; VALENÇA, M. T. **A Moda no Século XX**. Rio de Janeiro: Ed. Senac Nacional, 2000.
- NEEDELL, J. **Belle Époque tropical**: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- PAZIANI, Rodrigo Ribeiro. **Construindo a Petit Paris**: Joaquim Macedo Bittencourt e a Belle Époque em Ribeirão Preto (1911-1920). 2004. Dissertação (Doutorado – História), Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista, Franca, 2004.
- PESAVENTO, S. J. **O imaginário da cidade**: visões literárias do urbano, Paris/Rio de Janeiro/Porto Alegre. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1999.
- SEVCENKO, N. (coord.). **História da vida privada no Brasil**: República: da Belle Époque à Era do Rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, vol. 3.
- SOUZA, G. M. **O espírito das roupas**: a moda no século dezenove. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- WALKER, T.W. **Dos coronéis à metrópole**: fios e tramas da sociedade e da Política em Ribeirão Preto no século XX. Ribeirão Preto: Palavra Mágica, 2000.